

GENEALOGIA DA ESCRITORA HILDA HILST

Marcelo Meira Amaral Bogaciovias

Resumo: *Estudo da genealogia da escritora paulista Hilda Hilst, ligada a famílias quatrocentonas paulistas.*

Abstract: *Study of the genealogy of the São Paulo writer Hilda Hilst, linked to 'quatrocentonas' families from São Paulo.*

A escritora Hilda Hilst será a homenageada da 16.^a Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), a acontecer de 25 a 29 de julho de 2018. Essa é a terceira vez que a feira de literatura escolhe uma mulher como homenageada. Antes, Clarice Lispector e Ana Cristina Cesar também foram, igualmente, centro dos debates da Flip.



Hilda Hilst ¹



Hilda Hilst, jovem

¹ Visto em 6 de janeiro de 2018 em: <https://claudia.abril.com.br/noticias/hilda-hilst-sera-a-homenageada-da-flip-2018/>

De nome completo, Hilda de Almeida Prado Hilst, nasceu em Jahu, interior do Estado de São Paulo, em 21 de abril de 1930, filha de Apolônio de Almeida Prado Hilst e de Bedecilda Vaz Cardoso.

Faleceu em 4 de fevereiro de 2004 em Campinas (SP). Foi casada, teve e deixou vários amores. Não teve filhos.

A obra de Hilda Hilst

Considerada um dos grandes nomes da literatura brasileira, Hilda é autora de livros como *Cantares de Perda e Predileção* e *Fluxo-Floema*, além de *O Caderno Rosa de Lori Lamby*, marcado pelo erotismo. Sua obra está sendo reeditada pela Companhia das Letras. “Hilda queria ser lida por muitas pessoas, era seu sonho. Por isso até que enveredou por essa veia pornográfica. Quem a conhece está dizendo que essa homenagem da Flip a deixaria muito feliz. Ela se mantinha fiel a uma obra autoral, sem concessões”, acrescenta Josélia Aguiar, curadora da mostra.



Hilda. Escrita transgressora Foto: Heitor Hui/Estadão - 10/10/2001²

² <http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,hilda-hilst-sera-homenageada-na-flip-em-2018,70002109022>

Recebeu prêmios como o Jabuti (organizado pela Câmara Brasileira do Livro), o APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte), o Pen Clube São Paulo, o Cassiano Ricardo (da Fundação Cultural Cassiano Ricardo, ligada à Prefeitura de São José dos Campos- SP) e está traduzida para o inglês, francês, espanhol, basco, alemão, italiano, norueguês e japonês. Grande parte de seus livros foi publicada pelo célebre editor artesanal Massao Ohno em volumes feitos com apuro estético, mas de reduzida circulação.

Após sua morte, a Globo Livros relançou toda a sua obra sob os cuidados do crítico Alcir Pécora e, atualmente, tem em catálogo os títulos *Pornô chic* e *Fico besta quando me entendem*, compilação de entrevistas com a autora. A reunião de sua obra poética, *Da poesia*, foi publicada neste ano pela editora Companhia das Letras, que tem uma série de publicações sobre a autora previstas para 2018, como *Da prosa*; a adaptação para quadrinhos de *A obscena senhora D.*, por Laura Lannes; uma coletânea ilustrada de suas poesias de amor e a edição de *Amavisse* para a Poesia de Bolso. Em 2019, a Companhia lançará uma trilogia erótica e, em 2020, a biografia da autora. Daniel Fuentes, o detentor dos direitos autorais, vem negociando com outras editoras para publicar o que falta de Hilda Hilst, como cartas e inéditos.

Tem crescido o interesse pela literatura de Hilst por parte de leitores, críticos e realizadores do cinema e do teatro: a cada ano, acontecem novas montagens em companhias de pequeno e médio porte.

Hilda iniciou sua produção literária em São Paulo ainda muito jovem, com o livro de poemas *Presságio* (1950). Dona de uma linguagem inovadora e abrangente, Hilda produziu mais de quarenta títulos, entre poesia, teatro e ficção, e escreveu por quase 50 anos, recebendo importantes prêmios literários do Brasil.

A vida social e literária de Hilda Hilst

Quando Apolônio de Almeida Prado Hilst soube que teria uma filha mulher sentenciou: “que azar!”. “Aí eu quis mostrar que era deslumbrante”, disse Hilda Hilst, a azarenta, em entrevista aos *Cadernos de Literatura Brasileira* em 1999. Hilda conviveu pouco com o pai, poeta e jornalista que muito jovem foi internado com esquizofrenia, mas a imagem e a constante ausência ecoaram por toda sua vida e obra. “Quase todo o meu trabalho está ligado a ele porque eu quis. Eu pude fazer toda a minha obra através dele.”

Encontraram-se raras vezes. Passou alguns dias da adolescência na fazenda dele. Não economizava palavras para elogiar sua genialidade. Lembrava de cor alguns de seus versos. “Escrever é sentir meu pai dentro de mim, em meu coração, me ensinando a pensar com o coração como ele fazia, ou a ter emoções

com lucidez”, disse em 1978. “Meu pai ficou louco, a obra dele acabou. E eu tentei fazer uma obra muito boa para que ele pudesse ter orgulho de mim.”

Em 1932, seus pais se separaram. Em plena Revolução Constitucionalista, Bedecilda Vaz Cardoso mudou-se para Santos, com Hilda e Ruy Vaz Cardoso, filho do seu primeiro casamento. Durante a viagem, ao passarem por Campinas, a Estação Ferroviária Mogiana estava sendo bombardeada.

Em 1937, Hilda ingressou como aluna interna do Colégio Santa Marcelina, em São Paulo, onde cursou o primário e o ginásial, com desempenho considerado brilhante. Nesse ano, a mãe lhe revelou a doença de seu pai.

Em 1944, ao concluir o ginásial, passou a morar em uma pensão situada na Rua Alemanha, Jardim Europa, São Paulo. Em 1945, iniciou o curso secundário no Instituto Presbiteriano Mackenzie, onde permaneceu até a conclusão do curso. Em 1946 tem seu segundo encontro com o pai, quando o visitou na fazenda *Olhos d'água*, no município de Itapuí.

Em 1948, ingressou na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (Largo São Francisco), onde conheceu aquela que seria sua grande amiga ao longo da vida, a escritora Lygia Fagundes Telles. Seu primeiro livro, *Presságio*, publicado em 1950, foi recebido com grande entusiasmo pelos poetas Jorge de Lima e Cecília Meireles.

A partir de 1951, ano em que publicou seu segundo livro de poesia, *Balada de Alzira*, foi nomeada curadora do pai. Concluiu o curso de Direito em 1952. No ano seguinte começou a trabalhar no Escritório de Advocacia do Dr. Abelardo de Souza, em São Paulo, mas demite-se em 1954, abandonando a carreira por absoluta incompatibilidade com a profissão, optando pela literatura. Em 1955 publica o livro de poesia *Balada do Festival*. Em 1959, um novo livro de poesia, *Roteiro do silêncio*. No ano seguinte, outro livro de poesia: *Trovas de Muito amor Para um Amado Senhor*.

É nessa época que Adoniran Barbosa, poeta paulista, leu o segundo livro de Hilda Hilst e ficou encantado com *Bem o Quisera*, que ele considerava um dos versos mais perfeitos já escritos na língua portuguesa.

Em 1961, novo livro de poesia, *Ode fragmentária*. O músico Gilberto Mendes compõe a peça *Trova I*, inspirada no primeiro poema de *Trovas de Muito Amor Para um Amado Senhor*.

Em 1962 recebeu o Prêmio Pen Clube de São Paulo, com a publicação de *Sete cantos do poeta para o anjo*. Conhece o físico nuclear Mário Schemberg no Clube dos Artistas (ou Clubinho), localizado à Rua 7 de Abril, frequentado por intelectuais e artistas. O poeta português Carlos Maria de Araújo, seu amigo pessoal, presenteia Hilda com o livro *Lettres a El Greco*, de Nikos Kazantzakis.

O livro se transforma num divisor de águas na vida da escritora, sendo um dos principais motivadores de sua futura mudança de São Paulo.

Em 1965, em companhia de Dante Casarini, mudou-se para a sede da Fazenda São José, de propriedade de sua mãe, em Campinas (SP). Iniciaram a construção de uma casa, que seria a *Casa do Sol*. Foi erguida em 8 meses, e na época não havia luz elétrica; então se usavam 60 lampiões a querosene (a luz elétrica só viria 3 anos depois). Em 1968 os dois se casaram.



Dante Casarini e Hilda Hilst sob a figueira da *Casa do Sol*, 1966

Foi na *Casa do Sol* que viveu o resto de sua vida. Era o porto seguro de sua criação. É ali que Hilda dedicava-se exclusivamente ao trabalho literário, realizando mais de 80% de sua obra. A casa era frequentada por artistas e intelectuais das várias áreas, transformando-se num centro de fomento cultural das décadas de 70 e 80.

No ano de 1968 escreveu as peças *O visitante*, *Auto da barca de Camiri*, *O novo Sistema*, e iniciou *As aves da Noite*. Conheceu os escritores Caio Fernando Abreu, que passou a morar na Casa do Sol, e José Luís Mora Fuentes. As peças *O visitante* e *O rato no muro* foram encenadas no Teatro Anchieta, em São Paulo, para exame dos alunos da Escola de Arte Dramática (EAD-USP).

Em 1970 publicou seu primeiro livro de ficção, *Fluxo-Floema*. Os críticos literários Leo Gilson Ribeiro, Anatol Rosenfeld e Nelly Novaes Coelho foram os primeiros a reconhecer a importância dessa prosa inovadora.

Em 1985 divorciou-se de Dante Casarini, que continuou morando na *Casa do Sol* até 1991, e com o qual manteve profunda amizade até sua morte. Continuou publicando poesia, e em 1990 lançou os dois primeiros títulos da sua trilogia erótica, *O Caderno Rosa de Lori Lamby*, que a princípio scandalizou a maior parte da crítica, e *Contos d'escárnio/ Textos grotescos*, igualmente perturbador para boa parte de seus leitores. Em 1991 lançou *Cartas de um Sedutor*, encerrando sua trilogia erótica. Apesar de a trilogia representar menos de um décimo da sua obra, Hilda passou a ser considerada, por parte da crítica, como escritora essencialmente erótica.

Em 1995, parte de seu arquivo pessoal foi comprado pelo *Centro de Documentação Alexandre Eulálio*, do *Instituto de Estudos de Linguagem - IEL*, UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), estando aberto a pesquisadores do mundo inteiro e o restante, notadamente sua biblioteca particular, encontra-se na *Casa do Sol*, sede do *Instituto Hilda Hilst*.

A Casa do Sol funciona hoje como sede do Instituto Hilda Hilst, onde se realizam residências artísticas e encenações de peças de teatro. **Instituto Hilda Hilst:** Tel.: (19) 3257-1076. Rua João Caetano Monteiro S/N, Quadra B, Chácara Casa do Sol, Parque Xangrilá. Campinas/SP. CEP 13098-605.

Internada no Hospital das Clínicas da Unicamp no dia 1.º de janeiro de 2004 devido a uma queda e consequente fratura de fêmur, Hilda Hilst veio a falecer no dia 4 de fevereiro, às 4 horas da madrugada, em decorrência de uma infecção generalizada. Foi sepultada na tarde desse mesmo dia, no Cemitério das Aleias, em Campinas.



Fonte (visto em 6 de janeiro de 2018):

<http://mulheresquehonramorole.blogspot.com.br/2012/12/hilda-hilst.html>

A origem genealógica de Hilda Hilst

Hilda de Almeida Prado Hilst nasceu em Jahu em 1930, às 23h45, numa casa da Rua Saldanha Marinho. Foi a única filha do fazendeiro de café, jornalista, poeta e ensaísta Apolônio de Almeida Prado Hilst, e de Bedecilda Vaz Cardoso, esta filha de imigrantes portugueses: Domingos Vaz Cardoso e de Emília Vaz Cardoso. Sua mãe, Bedecilda Vaz Cardoso, faleceu em 31 de maio de 1971.



Bedecilda e Apolônio

Seu pai, Apolônio de Almeida Prado Hilst, nasceu em 7 de novembro de 1896 em Jahu, tendo sido batizado aos 33 dias de idade, em 10 de dezembro de 1896, na Capela de Santo Antônio da Bica de Pedra (atual Itapuí), Estado de São Paulo. Bica de Pedra então fazia parte de Jahu; tornou-se independente em 1914, sendo que em 1938 o nome do município foi alterado para Itapuí. O pai de Apolônio ali vivia e foi um dos que subscreveram a construção da igreja matriz da nova localidade. Apolônio faleceu em 24 de setembro de 1966, filho de Eduardo Dubayelle Hilst, cafeicultor, e de Maria do Carmo de Almeida Prado. Esta era filha de Lourenço de Almeida Prado e de Ana Ferraz de Almeida.

Assento de batizado de Apolônio de Almeida Prado Hilst: ³

Polônio

Aos dez de Dezembro de mil oitocentos e noventa e seis na capela da B. de Pedra, batizei solenemente a Polônio na idade de trinta e três dias filho legítimo de Eduardo Erchis [sic] e de Maria Erchis. Foram padri-

³ Site da Igreja Mórmon: Paróquia de Jahu. Batizados, fls. 50.

nhos Lourenço N. de A. Prado por procuração passada a João Ferraz de A. P. Sobrinho e Nossa Senhora Polônia.

Padre Elisiário Martins Pedroso

Assento de casamento dos avós paternos de Hilda: Eduardo Dubayelle Hilst com Maria do Carmo de Almeida Prado:⁴

Hilst Eduardo José Marcos

D. Maria do Carmo Prado

Aos dezesseis de Junho de mil e oitocentos e um, em oratório privado desta cidade, dispensado de proclamas e demais diligências pelo poder competente, em presença do Coadjutor e das testemunhas Antônio Pompeu de Campos e Dr. Constantino Gonçalves Fraga, feitas as diligências do estilo sem que aparecesse impedimento algum canônico ou civil se receberam em matrimônio conforme o Rito Romano, os nubentes Hilst Eduardo José Marcos e D. Maria do Carmo Prado, fregueses e moradores da Paróquia, filhos legítimos, ele de Hilst Eduardo José e D. Virgínia Elisa Dubayle, ela de Lourenço d'Almeida Prado e D. Ana Ferraz de Almeida Prado, sendo o pai do noivo e noiva já falecidos, nascidos e batizados, ele em França, ela em Piracicaba, de que faço assento.

Vigário Padre Antônio Pires Guerreiro

Os avós maternos de Hilda constam do livro de genealogias da família Almeida Prado, de autoria do grande Barros Brotero.⁵ Deve-se ressaltar que Hilda já era nascida à época da edição do livro, mas ficou fora dele. Não se pode haver dúvida que tal 'esquecimento' foi proposital. Seus pais não eram casados e a mãe de Hilda era uma mulher separada do marido. A sociedade de então era muito rígida. Ainda mais em uma tradicional família quatrocentona paulista. A questão é saber de quem seria a responsabilidade pela não inclusão de Hilda na obra. Eu creditaria à própria família de Hilda, o que poderia ser traduzido como uma não aceitação. É bem provável que o 'esquecimento' tenha deixado uma pequena mágoa na nossa personagem. Mas, certamente, nada que tenha abalado sua forte personalidade.

⁴ Site da Igreja Mórmon: Paróquia de Jahu. Casamentos de 1890-1894, fls. 86 (imagem 52).

⁵ BROTERO, Frederico de Barros. *Descendentes do Ouvidor Lourenço de Almeida Prado*. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1938. p. 53.

Seu avô paterno era francês, Eduardo José Marcos Hilst, natural da cidade de Lille, na Alsácia-Lorena, muito próxima da Bélgica. Veio sozinho para o Brasil. Sua mulher, Maria do Carmo de Almeida Prado, era natural de Piracicaba, onde nasceu em 29 de abril de 1872.

Enfim, Hilda Hilst era 1/4 paulista. Sua avó Maria do Carmo era filha de Lourenço de Almeida Prado e de sua mulher e prima (casados em 1844) Ana Ferraz de Almeida Prado, nascida em 31 de maio de 1830 em Tatuí (SP).

Lourenço de Almeida Prado, bisavô de Hilda, foi batizado em 29 de setembro de 1822 na matriz de Piracicaba. Era filho do Tenente-Coronel Elias de Almeida Prado e de sua mulher (casados em 1819 em Itu) Maria Rita Bueno, que também assinava Maria Rita Morato do Canto, esta filha de Manuel Morato do Canto, de Iguape (SP) e de Rita Bueno de Carvalho, de Santos.

Elias de Almeida Prado, trisavô de Hilda, nasceu em 1798 em Itu. Mudou-se para Piracicaba, onde era senhor de uma fazenda de cultura de cana, com fábrica de açúcar. Elias de Almeida Prado era filho do Capitão-Mor João de Almeida Prado, nascido em Itu, onde foi batizado em 30 de agosto de 1767, na matriz, e de sua primeira mulher Ana de Almeida.

O Capitão-Mor João de Almeida Prado era filho de Lourenço de Almeida Prado (de sua descendência trata o Dr. Barros Brotero), nascido cerca de 1729 na cidade de São Paulo, o qual passou a viver em Itu, onde se casou em 12 de agosto de 1756 e onde faleceu em 10 de fevereiro de 1798. Lourenço serviu a governança de Itu, onde foi juiz ordinário em 1764 e onde teve fazenda de cultura de cana, com produção de açúcar. Sua mulher era Maria Pacheco de Arruda, batizada em 3 de junho de 1732 em Itu, onde faleceu em 29 de janeiro de 1794.

Quanto à sua bisavó Ana Ferraz de Almeida Prado (mulher de seu primo Lourenço de Almeida Prado), era filha de Joaquim Ferraz de Almeida e de sua mulher (casados em 1826 em Itu) Antônia de Almeida Prado, filha dos já citados Capitão-Mor João de Almeida Prado e de Ana de Almeida.

Bibliografia:

FOLGUEIRA, Laura Santos; e DESTRI, Luisa. *Eu e não outra: a vida intensa de Hilda Hilst*. São Paulo: Tordesilhas, 2018.

Visto em fevereiro de 2018: <https://www.hildahilst.com.br/hilda>

Visto em 6 de janeiro de 2018: <https://www.hildahilst.com.br/blog/para-onde-vao-os-trens-meu-pai>

